

VIRGÍLIO

# Bucólicas



*Tradução e Notas*  
Odorico Mendes

*Edição Anotada e Comentada pelo*  
Grupo de Trabalho Odorico Mendes

  
Ateliê Editorial

EDITORIA UNICAMP

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*



toon

tologia do c

bucólica

1

an

a e van vogt

2

## BUCÓLICA

A. E. Van Vogt

Banhando-se na luz brilhante de um sol longínquo, a Floresta vivia e respirava. Captava a presença daquela nave que acabava de aparecer, depois de ter atravessado as brumas leves da alta atmosfera. Entretanto, sua hostilidade sistemática para com aquela coisa estranha, não veio acompanhada de alarme imediato.

Sobre dezenas de milhares de quilômetros quadrados, suas raízes entrelaçavam-se subterraneamente, e as frondes de suas árvores inumeráveis balançavam-se, displicentemente, sob as carícias múltiplas de uma brisa indolente. Acolá, estendendo-se sobre colinas e montanhas, e ao longo de um mar quase interminável, levantavam-se outras florestas, todas tão vastas e poderosas quanto ela própria.

Tão longe quanto sua memória alcançava, a Floresta recordava-se de ter resguardado o solo contra uma ameaça um tanto ininteligível. Agora, a natureza daquela ameaça começava a aparecer-lhe. Provinha de naves análogas àquela que presentemente descia do céu. A Floresta não conseguia 3

recordar-se claramente de que maneira, no passado, tinha conseguido assegurar sua defesa, mas lembrava-se com bastante clareza de que precisara lutar.

À proporção que ela se tornava mais consciente da aproximação da nave, correndo acima dela num céu cinza-avermelhado, suas folhas murmuraram umas para as outras a narrativa sem data de batalhas feridas e ganhas. Pensamentos, em seu curso lento, espalhavam-se ao longo dos canais sensórios, e os galhos mestres de milhares de árvores começaram a tremer, quase imperceptivelmente. A extensão daquele frêmito, propagando-se depressa para todas as árvores, criou gradualmente um som, depois uma sensação tensa. De início, aquilo foi quase insensível, tal brisa ociosa através de um vale verdejante, mas depressa adquiriu amplitude, e cresceu em substância. O som fez-se invasor, e a Floresta toda ergueu-se, vibrante de hostilidade, espreitando a chegada daquela máquina que vinha pelo céu.

Não teve de esperar muito tempo.

A nave cresceu, inclinando sua trajetória. Agora, que se havia aproximado do solo, sua velocidade e seu volume apareceram maiores do que ela a princípio havia julgado. Planou, ameaçadora, acima da Floresta próxima, depois abaixou-se ainda mais, sem se preocupar com as copas das árvores.

Bosques inflamaram-se, galhos romperam-se, e árvores inteiras viram-se varridas, como se não fossem senão seres insignificantes, sem peso e sem vigor. A nave continuava sua descida, abrindo um grande caminho através da Floresta lamentosa e ululante, à sua passagem. Pousou, enterrando-se profundamente no solo, três quilômetros depois de haver roçado pela primeira fronde. Atrás dela, a abertura de árvores partidas fremia e palpitava à luz do sol. Longo e estreito caminho de destruição desenhava-se, agora. A Floresta recordou-se, de súbito, que aquilo não era senão a repetição do que já acontecera no passado.

Começou a amputar-se dos setores atingidos. Fêz refluir sua seiva e cessou seu frêmito na área afetada. Mais tarde, enviaria novos rebentos para substituir o que fora destruído, 4

mas no momento aceitava aquela morte parcial que sofrera, e conhecia o medo. Era um medo tocado de cólera. Suporta-va aquela nave jacente sobre seus troncos esmagados, sobre uma parte de si própria que ainda não estava morta. Sentia o frio e a dureza das paredes de aço, e tanto seu medo como sua cólera aumentaram.

Um sussurro de pensamento propagou-se ao longo de seus canais sensórios. Espera — dizia aquele pensamento

— há em mim a lembrança do tempo em que vieram outras naves iguais a esta.

Sua memória, entretanto, recusava esclarecer-se. Tensa, mas incerta, a Floresta preparou-se para empreender o seu primeiro ataque. E começou a crescer em toda a volta da nave. Já há muito tempo tomara ela consciência de seus formidáveis poderes de crescimento. Fora numa época em que ainda estava longe de cobrir sua superfície presente.

Naquela ocasião, certo dia, percebera que bem depressa iria encontrar-se em contato com outra floresta análoga a ela mesma. As duas massas de árvores em crescimento, os dois colossos de raízes entrecruzadas, aproximaram-se uma da outra, lentamente, com prudência, em mútua mas vigilante fascinação, espantadas por descobrirem que uma outra forma de vida idêntica tivesse podido existir todo aquele tempo.

As duas florestas aproximaram-se, tocaram-se... e combate-ram-se durante anos.

Enquanto durou aquela prolongada luta, cessou, praticamente, todo o crescimento de vegetação nas porções centrais da Floresta. As árvores deixaram de se guarnecer de galhos. As folhas, por necessidade, endureceram e substituíram-nos em suas funções, durante períodos bem mais longos. As raízes desenvolveram-se lentamente. Toda a força disponível da Floresta estava concentrada nos seus meios de ataque e de defesa. Muralhas de árvores edificavam-se

numa noite. Raízes enormes, infiltrando-se verticalmente no solo, cavavam túneis de vários quilômetros de comprimento.

Forçando uma passagem através de rochas e metais, elas 5

construíam um paredão de madeira viva, formando diques contra a vegetação invasora da adversária.

À superfície, as barreiras vegetais fizeram-se tão espessas que por uma extensão de mais de um quilômetro as árvores levantavam-se quase tronco contra tronco.

A grande batalha cessou, finalmente, sob tal fórmula.

Cada floresta aceitou o obstáculo criado pela sua inimiga.

Mais tarde, ela constrangeu ao mesmo status quo uma segunda floresta que a atacava por outro flanco.

Aqueles limites bem depressa tornaram-se para a Floresta uma demarcação tão natural quanto o grande mar que se estendia ao sul, ou o frio glacial que reinava durante toda a extensão do ano sobre os cimos nevados das montanhas.

A exemplo do que fizera na batalha com as duas outras florestas, a Floresta concentrou sua energia inteira contra a nave invasora.

Árvores levantaram-se à razão de um metro por minuto.

Plantas trepadeiras escalaram aquelas árvores e atiraram-se espontaneamente por sobre a nave. Aquela torrente vegetal logo estava correndo sobre o metal, para ir prender-se às árvores do lado oposto. As raízes de tais árvores agarraram-se profundamente ao chão e ancoraram no seio de uma camada rochosa, mais resistente do que qualquer nave jamais construíra. Os troncos engrossaram e as lianas fizeram-se espessas até adquirirem o aspecto de cabos enormes.

Quando a luz daquele primeiro dia cedeu o lugar ao crepúsculo, a nave estava mergulhada debaixo de milhares de toneladas de uma vegetação tão densa que dela nada mais era visível.

Chegara o momento, para a Floresta, de passar à derra-deira ação destruidora.

Quase imediatamente depois da descida do dia, raízes minúsculas começaram a tatear sob a nave. Eram microscó-

picas, tão pequenas naquela fase inicial, que seu diâmetro não passava do de algumas dúzias de átomos. Faziam-se tão finas, que as paredes metálicas aparentemente sólidas, pro-6

varam não ser senão vácuo, para aquelas radículas. Eram tão miúdas, que penetravam sem

esforço o próprio aço tem-perado.

Foi naquele momento que a nave reagiu. O metal aqueceu-se, tornou-se ardente, depois vermelho-vivo. Foi o suficiente. As raízes minúsculas encarquilharam-se e morreram. As raízes mais importantes, implantadas junto daquele metal, consumiram-se lentamente, à proporção que o calor ressecante as atingia.

Acima do solo, outra violência teve início. Uma chama saltou de cada uma das centenas de orifícios abertos nas paredes da nave. De início as lianas, depois as árvores, começaram a queimar. Não se tratava da explosão de um fogo incontrolável, nem de incêndio furioso saltando de árvore em árvore com irresistível ardor. De muito, muito tempo antes, já a Floresta aprendera a dominar fogos engendrados pelo raio ou por uma combustão espontânea. Tratava-se, unicamente, de enviar seiva às árvores tocadas pelo incêndio. Quanto mais verde era a árvore, mais embebida de seiva ficava, e mais volume precisava tomar então o fogo, para se manter.

A Floresta não conseguiu, imediatamente, lembrar-se de ter enfrentado um fogo que pudesse assim atacar um ren-que de árvores, deixando cada uma delas a exsudar um lí-

quido viscoso, pelas rachaduras de sua casca. Mas aquela chama podia, era uma chama diferente. Não se tratava de chama, apenas, mas de energia. Não se nutria de madeira, mas vivia de uma força contida em si própria.

Finalmente, aquela comprovação devolveu à Floresta a sua memória. Era uma lembrança aguda, sem engano possível, do que fora feito no passado para libertar ela própria e seu planeta de uma nave como aquela.

Começou, então, por se retirar da periferia da nave.

Abandonou o andaime de madeira e folhagem com o qual tentara aprisionar aquela estrutura estranha. À medida que a preciosa seiva reintegrava as árvores, destinadas, agora, a formar a segunda linha de defesa, as chamas tornaram-se mais vivas e o incêndio ampliou-se, iluminando toda a paisa-

gem com um clarão mágico.

Correu algum tempo antes que a Floresta soubesse que os raios incandescentes já não partiam da nave e que quanto restava de chamas e fumaça provinha unicamente de madeiras que queimavam de forma normal. Também aquilo cor-respondia à lembrança que ela evocara a propósito do que se passara havia muitíssimo tempo.

Convulsamente, embora com repugnância, a Floresta pôs em prática o que, ela agora bem percebia, era o único método para se desembaraçar da intrusa.

Freneticamente, pois que estava terrivelmente convencida de que a chama emitida pela nave era de porte a devas-tar florestas inteiras.

Com repugnância, pois os métodos de defesa que se apresentavam, levá-la-iam a sofrer queimaduras pela energia, não muito menos violentas do que as que a máquina engendrara.

Dezenas de milhares de raízes enterraram-se em direção dos terrenos e das formações rochosas que tinham evitado cuidadosamente desde a vinda da nave precedente. Apesar da pressa necessária, o processo, em si mesmo, era lento.

Raízes microscópicas, frementes de impaciência, forçaram uma entrada nas bolsas inacessíveis de minérios, e por um processo osmótico complexo, tiraram, do impuro metal original, grãos de metal puro. Aqueles grãos eram quase tão pequenos quanto as raízes que precedentemente haviam penetrado as paredes de aço da nave. Mostravam-se suficientemente miúdos para serem transportados, em suspensão na seiva, através do labirinto das grandes raízes.

Depressa havia milhares, depois milhões daqueles grãos em movimento ao longo dos canais da madeira. Embora cada um deles se mostrasse em si mesmo imperceptível, o solo onde foram depositados brilhava logo depois à luz do incêndio moribundo. No momento em que o sol deste planeta lançou-se acima da linha do horizonte, um reflexo prateado, da largura de trezentos metros, rodeava toda a nave.

Foi logo depois do meio-dia que a nave reagiu. Uma dú-

8

zia de comportas abriu-se, e aparelhos volantes delas saíram, pousando e pondo-se a retirar aquela poeira branca, com o auxílio de tubos que aspiravam a fina película de metal, ininterruptamente.

Trabalhavam com grande precaução e uma hora antes do morrer do dia haviam recolhido mais de doze toneladas de urânio 235 finamente disperso.

Ao cair da noite, todos os seres de duas pernas desa-pareceram na estranha nave, cujas comportas fecharam-se.

O comprido aparelho, com seu perfil de torpedo, decolou suavemente e correu em direção do céu, onde o sol ainda brilhava. O primeiro conhecimento daquela nova situação veio ter à Floresta quando as raízes, que estavam profundamente enterradas sob a nave, revelaram uma diminuição de pressão.

Muitas horas foram necessárias para que ficasse entendido que a nave inimiga fora expulsa. Outras horas fluíram ainda antes que ela compreendesse a necessidade de tirar a poeira de urânio que ficara sobre o solo, pois as radiações emitidas por elas espalhavam-se demais em torno.

O acidente que se produziu teve causa bem simples. A Floresta havia extraído das rochas aquela substância radio-ativa, e, para livrar-se dela, não precisava senão, levá-la de novo,

muito simplesmente, às camadas uraníferas mais pró-

ximas, em particular do gênero de rocha que absorve a radioatividade. Para a Floresta, a situação parecia assim bem clara. Uma hora depois de ela ter começado a realizar seu plano, uma explosão atômica subiu para o céu, como um fogue-te.

A explosão foi vasta, muito mais vasta do que a capacidade de compreensão da Floresta. Ela não ouviu nem viu aquela assustadora silhueta, mensageira da morte. O que sentiu foi o suficiente. Um furacão arrasou quilômetros quadrados de vegetação. A onda calórica e a vaga de radiações provocaram incêndios que exigiram, para sua extinção, horas de esforços.

9

O medo cedeu aos poucos, quando ela se recordou que também aquilo acontecera no passado.

Muito mais clara do que essa lembrança foi a visão das possibilidades de uma ação futura, graças ao que acabava de se produzir. A oportunidade da ocasião não lhe escapou.

Na madrugada do dia seguinte ela lançou seu ataque. A vítima foi a floresta que, segundo sua memória desfalecente, tinha, originalmente, invadido seu território.

Ao longo de toda a frente que separava os dois colossos, pequenas explosões atômicas rebentaram. A sólida muralha de árvores que formava as defesas exteriores da outra floresta, desmoronou diante dos ataques sucessivos de uma energia tão irresistível.

A inimiga, reagindo normalmente, pôs em linha suas reservas de seiva. Quando estava inteiramente mergulhada naquela tarefa de reconstrução de uma nova barreira, outras explosões estouraram. Conseguiram a destruição completa das grandes reservas de seiva da adversária. Daí por diante, pois que ela não compreendia o que lhe estava acontecendo, a inimiga estava perdida.

Na terra de ninguém onde tinham ocorrido as explosões, a Floresta atacante enviou inumerável exército de raí-

zes. Cada vez que a resistência se manifestava, uma explosão atômica se produzia. Logo depois do meio-dia seguinte, uma explosão gigantesca destruiu as árvores que compunham o centro sensitivo da adversária — e a batalha terminou.

Meses decorreram até que a Floresta pudesse brotar no território da inimiga derrotada, expulsar as raízes agonizantes da adversária, transpor árvores agora sem defesa, e ins-talar-se em plena e completa posse de seu novo território.

Assim que essa tarefa se realizou, ela voltou-se como uma fúria contra a floresta residente sobre seu outro flanco.

Uma vez mais atacou com o raio atômico e tentou submergir sua opositora sob uma chuva de



fogo.

Foi impedida no mesmo momento por uma força igual de átomos em explosão!

Seus conhecimentos haviam transpirado através da 10

barreira de raízes entrelaçadas que formava a separação entre as duas florestas.

Os dois monstros destruíram-se mutuamente, e quase totalmente. Cada qual tornou-se um ser mutilado que preci-sou sofrer o penoso processo de um crescimento lento. Com a passagem dos anos, a lembrança do que se passara esfu-mou-se. Aliás, isso não tinha a menor importância. Naquela época, com efeito, as naves afluíam. Mesmo que a Floresta se tivesse lembrado, suas explosões atômicas, fosse como fosse, não se poderiam dar em presença de uma nave.

O único método para expulsá-las consistia em envolver cada uma delas em fina poeira de material radioativo. Então, a nave apoderava-se rapidamente do metal pulverulento, e retirava-se de imediato.

E a vitória lhe foi sempre assim fácil.